

AS CORES DA ESCOLA

Niclaúdia Maria de Barros Vieira ¹

RESUMO

Face a era da conectividade e as calorosas discussões sobre o homeschooling no Brasil, este relato tem como foco compreender quais são as cores que a escola apresenta, em especial, para as crianças que estão em processo de alfabetização. Fruto das aulas de Didática Geral, da Graduação em Pedagogia, cujos objetivos centrais são o ensino e a aprendizagem, uma vez que fornece subsídios para que o futuro professor possa atuar em sala de aula preparando seus alunos para viverem em uma sociedade demarcada pelo aprender. Buscou-se problematizar como as crianças que vivenciaram o período de dois anos em ensino remoto (2020-2021), por causa da pandemia da Covid-19 em nível mundial, ao retornarem às escolas de forma presencial, sentiam-se e percebiam a escola. A hipótese indica que a aprendizagem ocorre ao longo da vida e não se limita ao campo formal, contudo é neste ambiente formal, sendo um campo promissor no processo de socialização, que os sujeitos se relacionam e se comportam ao mesmo tempo em que desenvolvem sua aprendizagem. Desse modo, de natureza qualitativa optou-se primeiro por uma fundamentação teórica de revisão bibliográfica, centrada em autores como: Boto (2018); Sacristán (1998) entre outros, seguido pela descrição de experimentação aplicados por questões fechadas e expressas em forma de desenhos e cores ao público-alvo. Como resultado os estudantes de Pedagogia, refletiram sobre o papel da educação formal presencial e entre pares para essa faixa etária bem como os comprometimentos e atrasos, apesar do estereótipo de geração conectada e tecnológica.

Palavras-chave: Didática; Homeschooling; Conectivismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva relatar uma vivência dos graduandos do Curso de Pedagogia, de uma determinada Instituição de Ensino Superior, durante uma das aulas de Didática Geral cujo objetivo é compreender o processo de ensino-aprendizagem. Processo este que se debruça não apenas no “fazer pedagógico” como prática instrumental pautada em teorias, todavia, na multidimensionalidade desta prática, isto é, abranger que o seu estudante é sujeito que vive e atua socialmente (CANDAU, 2012).

Em Candau (2012) os futuros pedagogos discutiram a Didática não apenas como prática Instrumental, ensinar por ensinar, sobretudo, a teoria e a prática sendo indissociáveis e, portanto, fundamental, pois, a formação de professores deve ser entendida num contexto multidimensional, bem como a formação de seus futuros estudantes. Assim, os “jovens” pedagogos levantaram questionamentos e argumentos sobre a relação professor-aluno e aluno

¹ Mestre em Educação pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, niclaudiabaaros@gmail.com.

como formador de seu próprio conhecimento. Quanto ao tema “aluno como formador de seu próprio conhecimento” abordou-se argumentos de vantagens e desvantagens do homeschooling. Os argumentos apresentados direcionaram a nova formatação social de escolarização denominada Conectividade. Desse modo, a fim de rotear as interações discutidas propomos a divisão e organização do *corpus* deste, em três seções de cores distintas.

As cores preto e branco nomeiam a primeira seção que faz uma análise panorâmica da fundamentação da escola e de sua transição das funções educativas acoplando-se às mudanças sociais mercantilistas. Também, conceitua e define o Conectivismo e o Homeschooling. A segunda seção traz diversas cores de caracterização metodológica do relato objetivando a compreensão dos estudantes quanto à percepção das crianças quanto às cores da escola, em especial as crianças que vivenciaram o Ciclo de Alfabetização no contexto remoto, durante a pandemia do Covid-19, correspondente aos anos de 2020 e 2021. Eixo que direciona à terceira seção que centraliza as discussões e resultados dos registros coletados pelos estudantes.

1. PRETO E BRANCO

As cores que vemos cotidianamente e vivenciamos estão para além de faixas luminosas captadas pelos nossos olhos, especialmente, durante o processo de escolarização, período em que as cores se interseccionam entre concreto (físico) e abstrato (psique), quente e fria (sensorial). Sabemos que as cores aparecem como elementos importantes em bases epistemológicas distintas, das quais a Psicologia e a Filosofia defendem que as cores influenciam a vida das pessoas, tanto no caráter fisiológico quanto psicológico, revelando o comportamento humano (FARINA et. al., 2006; GUIMARAES, 2012).

Polarizadas de sentidos, as cores apresentam características intrínsecas que, dependendo do contexto, podem ser positivas ou negativas e é nesta dicotomia, que observamos as mudanças significativas, no curso da história ocidental, advindas no e do processo de escolarização que levaram ao declínio o ensino preceptorial fazendo surgir uma nova forma de “educar” denominada *Mass schooling* (NÓVOA, 2022).

A preceptorial como modalidade de educação doméstica atravessou por séculos a história mundial e brasileira. O seu surgimento remete à Grécia antiga com os filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, este último foi preceptor de Alexandre III, da Macedônia, 323



(a. C). O modelo de ensino chega à Europa e permanece até a Idade Média com Santo Agostinho (353-430), Al-Ghazali (1058-1111), dentre outros. Atravessa a Idade Moderna com John Locke (1632-1704), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e com tantos outros, que tinham seus serviços contratados, principalmente, entre as famílias da nobreza. Cabe ressaltar que, embora a preceptoria tenha sido constituída por marcações femininas (silenciadas), já que, às mulheres era dado o ofício de ensinar a criança a andar, comer, falar, este título ganhou destaque masculino, isso porque “tanto na Grécia quanto em Roma o ensino das primeiras letras era atribuição dos homens, que só muda no século XVI” (SANTANA, 2022: 51-52).

Segundo Fernandes (1994), o Renascimento foi o auge da preceptoria que, devido os avanços das artes e da ciência, estava em ascensão um alto nível de conhecimento e perfeição exigindo-se uma formação específica, destinado às famílias mais abastadas. Famílias estas que sustentavam a preceptoria como ideal para formação intelectual dos seus filhos, por não lhes permitir contato e convívio com formações inferiores escolarizadas e, ou pessoas de classes menos abastadas.

Antecipando a concepção de educação liberal, John Lucke (1999) defensor da Filosofia Empirista, afirmava que a criança nasce com a capacidade de conhecer, porém esse conhecimento só lhe é efetivo por meio da experiência, sendo assim, compara a criança como um “papel em branco” que precisa ser preenchido. Lucke utilizava da preceptoria para “ensinar os filhos das classes burguesas e visava a formação do sujeito para gerir negócios privados e os bens públicos”, não só, mas, também, a escolarização “da classe trabalhadora diferente da preceptoria burguesa, centrada no utilitarismo, na técnica para atender as necessidades dos industriais com relação à mão de obra qualificada, até então inexistente” (SANTANA, 2022: 52).

Dada a importância da Educação como coerção social, a escolarização passa a compor o projeto de governamentalidade ², ou seja, “entendendo cada um como um projeto a ser (auto)desenvolvido em sua individualidade e todos no sentido de pertencimento e funcionamento em uma população, amplamente perpassada por questões econômicas” (LOPES e HATTGE, 2011, p. 18), deslocando o foco do governo do território para o governo da população (VIEIRA, 2022).

² Foucault, durante um curso ministrado no Collège de France entre os anos 1978 e 1979, que culminou em um livro intitulado O Nascimento da Biopolítica, estuda a formação do neoliberalismo a partir do liberalismo clássico, implicando diretamente no complexo processo de governamentalidade, “isto é, a maneira como se conduz a conduta dos homens” (FOUCAULT, 2008, p. 258).



Com os avanços tecnológicos, a escolarização incide a ser determinante para um *continuum* dos padrões culturais globalizados emergentes na primeira Revolução Industrial com conteúdos revolucionários que passaram a substituir o currículo lassalista³ até o início do século XIX (VIEIRA, 2022).

Sob reivindicações dos docentes que estavam deixando de ser preceptores surge o período pós-revolucionário napoleônico que vê, no ensino simultâneo, um impedimento para atender os interesses da indústria e acelerar a formação de operários. Nesta perspectiva, o ensino mútuo atendia um número maior de alunos. O Estado recebe este novo formado como bem-quisto para sua hegemonia, já que não precisava financiar um número maior de professores, cabendo o ofício apenas a um número reduzido e, este ofício de mestre, era aprendido durante a monitoria dos alunos que mais se destacavam (HILSDORF, 2012).

Vestida de civilidade, a escolarização vai se universalizando não apenas como prática institucionalizada, mas politicamente obrigatória, compulsória e coerciva em toda a Europa. No Brasil, só após a expulsão dos jesuítas, por Marquês de Pombal (Ministro de Portugal entre 1750-1777) é que o ideal iluminista de escolarização para todos, passa a ser de responsabilidade do Estado. Contudo, a universalização do ensino público brasileiro⁴ passa a ser obrigatório no período da ditadura militar, já que, o ensino escolarizado era de total responsabilidade da família até a Constituição de 1934.

Boto (2005) argumenta a importância da apropriação da tese de Norberto Bobbio quanto a compreensão da universalização da escolarização sob a ótica das três gerações dos Direitos Humanos.

1. Geração de Direitos – desenvolve-se no Iluminismo e tem seu ponto máximo na primeira plataforma dos revolucionários franceses – os direitos políticos: direito ao voto e a participação na vida civil.
2. Geração da igualdade – revolucionários burgueses clamavam pela qualificação e oportunidades equânimes na vida social, inclusive, dos referidos direitos da primeira geração e;
3. Declaração dos Direitos Humanos de 1948 – exigência de proteção dos direitos assegurados, provindos de longas discussões no final da Segunda Guerra Mundial (BOTO, 2005: 786).

³ Modelo de ensino autoritário, conservador baseado no medo.

⁴ A história da educação brasileira é contada a partir de 1549, por ser um país de colônia exploratória, escravagista e eletista. Infelizmente, reformas estruturais que promoveram um desenvolvimento no campo educacional só aconteceram a partir de 1889 promulgadas a partir de política de práticas universais divulgadas pelos direitos humanos.

Ressaltamos que houve certo declínio da valorização da escolarização apresentando-se praticamente de cor preta no século XX, pois as economias e as políticas dos países envolvidos direta e indiretamente nas guerras eram tidas como potências escolarizadas (VIEIRA, 2022).

A Declaração dos Direitos Humanos fomentou a inserção dos grupos minoritários nas práticas sociais, mudando o cenário educacional postulado como universal, inclusive no uso de uniformes que disfarça as diferenças.

1.1 Homeschooling

Com seu surgimento nos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1980, defendido pelo pedagogo e ativista John Holt, o Homeschooling é o movimento que visa o ensino formal não prioritariamente em um ambiente específico cuja função é homogeneizar. Para Holt, o sistema de educação escolar possui falhas que não permitem o desenvolvimento pleno da autonomia individual. De forma que, para ele, a composição da formação formal da sociedade ocorreria por *doers* (fazedores), ou seja, a função da instrução deveria ser concedida as famílias que contrariam seus professores para um fazer pedagógico individualizado (VIEIRA, 2012: 16).

Ivan Illich (1926-2002) também crítica o modelo de escolarização do século XX e complementa que a educação e ensino não são a mesma coisa e, assim, a escola não pode ser a “vaca sagrada” da civilização ocidental (ILLICH, 2011: 6).

Tanto o Homeschooling (ensino em casa) quanto o Unschooling (educação livre, sem uma sistematização, diretriz ou material de cunho estatal) recebem o apoio da Home School Legal Defense Association (HSLDA), uma associação de advogados voltada às famílias, não só dos EUA, como em todo o mundo que decidem tirar as crianças do sistema escolar convencional. A HSLDA auxilia as famílias e fomenta pesquisas, a fim de propagar a ideia da liberdade educacional (HSLDA, 2016).

Tais movimentos reconhecem a importância do professor, mas inserem a individualização do ensino. Sob a tese de valores conservadores o Homeschooling ressalta o poder familiar sobre o menor de 18 anos que, no caso do Brasil, esse poder tem aparato legal na Constituição de 1988, no Estatuto da Criança e Adolescente e no Código Civil.

Embora o Homeschooling não seja reconhecido legalmente em nosso país, Barbosa (2011) afirma uma crescente dessa modalidade em 2018. Sendo discussão antiga (desde 1994), atualmente o Poder Judiciário registrou o PL nº 2401/2019 que dispõe sobre o



exercício do direito à educação domiciliar básica e modifica dispositivos da LDB e do ECA para permiti-lo. Neste caso, o ensino domiciliar deverá ser formalizado em uma plataforma virtual do MEC, que será criada em até 150 dias contados a partir da publicação da lei caso esta seja aprovada (NOVA ESCOLA, 2019, *online*).

1.2 Conectivismo

Didaticamente as teorias de aprendizagens Behaviorista, Cognitivista e Construtivista foram aportes teóricos, não só em nosso país, como em todo Ocidente, que fomentaram o formato da educação mercantil. Teorias essas que, segundo o professor e diretor do Centro de Tecnologia da Aprendizagem da Universidade de Manitoba (Canadá), George Siemens foram desenvolvidas em tempos em que os impactos tecnológicos, no sentido de “rede de conexões”, não existia.

De acordo com Siemens (2004) os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea reorganizaram o modo como o indivíduo vive, se comunica e aprende e, juntamente com Steve Downes (participante do grupo de estudos do Instituto de Tecnologia da Informação para o Ensino a Distância, no Canadá). propuseram uma nova teoria de aprendizagem denominada Conectivismo. Trata-se de uma teoria de aprendizagem conceituada como “redes”, ou seja, “a aprendizagem não é mais uma relação interna individualista, mas acontece em uma rede de relações” (WITT e ROSTIROLA, 19:16).

A teoria Conectivista no contexto educacional aborda, portanto, que:

o conhecimento está distribuído numa rede de conexões e que, desse modo, a aprendizagem consiste na capacidade de edificar essas redes e circular nelas, desenvolvendo assim a capacidade de refletir, decidir e partilhar; e o aluno pode conduzir sua aprendizagem de forma mais autônoma sem a presença do professor atrelado (COELHO, 2019: 2).

A teoria de Siemens gira em defesa a nova formatação social mediada pelas tecnologias de um mundo conectado. Nesse contexto, a aprendizagem pode ocorrer de várias formas não privilegiando a aprendizagem formal, dando destaque a aprendizagem informal. Podendo ser armazenadas em redes sistematizadas e ambientes complexos mutantes por considerar a diversidade de opiniões, residindo em dispositivos não humanos.

Coelho (2019) argumenta que a Teoria de Siemens recebeu críticas quanto ao ponto de dispositivos não humanos. Em sua defesa Siemens (2004: 5) enfatiza que “o conhecimento está internalizado no indivíduo, bastando apenas que se acione um gatilho para que se converta em aprendizagem” o que chama de “conhecimento acionável”. Explora, também,



que a Teoria Conectivista age no indivíduo não como as teorias anteriores que em sua visão, estão mais preocupadas com o processo atual de aprendizagem do que com o valor do que está sendo aprendido. Para ele a rapidez da informação provoca no aprendiz uma criticidade, já que a aprendizagem não está contida apenas nas palavras, também, nas imagens, nos vídeos, enfim, nas mídias (SIEMENS, 2008).

Dessa forma, o Conectivismo direciona o indivíduo para a aprendizagem autônoma, ao passo que sugere responsabilidade administrativa de sua aprendizagem para buscar outras fontes de estudos com o aporte das mídias.

2. CORES DIVERSAS: METODOLOGIA

2.1 Caracterização do estudo

A Pesquisa-Ação, um tipo de pesquisa com base empírica, concebida e realizada a partir de uma ação ou situação-problema no qual os pesquisadores ou representantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo para sua compreensão ou solução (THIOLLENT, 1984).

Um levantamento bibliográfico “em obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa” (SOUSA et. al. 2021: 65) serviu de aporte para a sua fundamentação teórica. Autores como Candau (2012), Hilsdorf (2003-2005-2012) e Nóvoa (1991) nos auxiliam na compreensão das mudanças no processo de escolarização; Foucault (2006-2008-2016) na compreensão do governo dos corpos; WITT e ROSTIROLA (2019) na Teoria Conectivista de George Siemens. Por fim, Boto (2018) e Sacristán (1998) na compreensão do homeschooling e da escolarização enquanto dispositivo democrático de direito.

Para completar tal pesquisa foi proposto um estudo de caso incorporado pautado em observações que segundo DEMO (2010):

[...] significa acompanhar o fenômeno de perto, talvez mesmo dentro dele (ainda que sendo figura de fora) a fim de anotar dados e não intervir, pois, conforme o autor orienta a razão pela qual é fundamental anotar logo que se observa e de maneira suficientemente meticulosa [...] e sistemática, para oferecer cuidado suficiente de cerco ao fenômeno (DEMO, 2010: 129).



A pesquisa respeitou as normas estabelecidas pela Resolução 466/2012, referentes aos aspectos éticos em pesquisas com seres humanos:

- a) Participantes: estudantes do Curso de Pedagogia que buscaram dentro do seu *rol* familiar crianças que estavam matriculadas no Ciclo de Alfabetização durante a pesquisa em questão.
- b) Procedimentos da coleta e análise de dados: a coleta de dados constituiu-se por meio de uma conversa com questões semiestruturadas sobre a escola, dos graduandos com seus familiares. Durante a conversa os graduandos apresentariam lápis coloridos e uma folha em branco da qual as crianças responderiam as questões em forma de desenho. A ideia era, então, observar quais as cores mais usadas e porque o uso de tal cor. Para uma possível tabulação dos resultados os graduandos poderiam fazer registros em blocos de anotações.

2.1.1 Localização e Contextualização do Estudo

O estudo foi realizado pelos graduandos do Curso de Pedagogia, dos turnos matutino e noturno, do Centro Universitário Piaget, Suzano – SP. Os estudantes de Pedagogia têm como proposta a disciplina de Didática Geral que visa subsidiá-los para prática estratégica de ensinagem e aprendizagem.

As primeiras aulas, ministradas pela pesquisadora, objetivaram um panorama geral de como e porque tal disciplina importa para a sua formação. Neste sentido, os graduandos foram indagados sobre quais cores a escola se apresentava para eles com apoio de uma imagem com lápis coloridos. As respostas variavam entre diversas cores, em especial, quando o foco girou em torno da temática: disciplinas.

Sob a reflexão de que a sala de aula seria um espaço vivo, por possibilitar caminhos outros, em dado momento da aula, o homeschooling surgiu como questionamento de defesa por uma graduanda, levando há indagações e reflexões dos demais colegas. Na tentativa de acolher tais indagações e reorganizá-las propomos que buscassem em seu *rol* familiar, crianças que vivenciaram o Ciclo de Alfabetização de forma remota, devido ao distanciamento social, derivado da Pandemia do Covid-19. Coube salientar que o ensino remoto não se caracteriza um homeschooling, contudo, o intuito seria perceber o quanto o espaço escola poderia ou não individualizar um espaço outro de construções subjetivas e de relações que contribuem para a formação do sujeito de forma integral e viva.



Delimitamos o Ciclo de Alfabetização por ser entendido como um período sequencial, preferencialmente articulado em espaços escolares e propostas pedagógicas sistemáticas e coordenadas que visam o aprendizado da alfabetização linguística e matemática, portanto, um trabalho coletivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os graduandos apresentaram os dados coletados em forma de roda de conversa e apontaram suas impressões. Para uma melhor visualização elaboramos uma tabela cujas cores nos direcionam a compreensão da visão da escola pelos estudantes e que a escola ainda é considerada um espaço de vida que tem sua importância para a maioria das crianças. Como fundamentação teórica usamos autores que discutem a temática escolarização sendo esta necessária ou não para a formação do indivíduo.

Porcentagem das Cores mais usadas pelas crianças	Visão dos Graduandos	Perspectiva	Especialistas que falam da escola, segundo as perspectivas mencionadas.
Preto e branco 30%	Relação autoritária entre professor e aluno; conflito entre aluno-aluno	Lugar de conflitos	George Synders
Verde 70%	Desejo de explorar os espaços com mais liberdade, mas, precisa ser quando o (a) professor(a) deixa	Prepara a cidadania	Neidson Rodrigues
Vermelho 70%	Interesses; valores;	A escola inserida na história produz e reproduz cultura	Neidson Rodrigues e Gimeno Sacristán
Azul 60%	Trabalho obrigatório e repetitivo	Falta de interesse, atenção, incapacidade de concentração	José Carlos Libâneo



Amarelo 70%	Interação	A convivência profunda as relações com os colegas, surge as diferenças	Neidson Rodrigues
----------------	-----------	--	-------------------

As cores representadas foram eleitas por serem consideradas mais usadas nos desenhos observados pelos graduandos. Durante as discussões apresentamos excertos de autores que trazem reflexões sobre as perspectivas levantadas por eles. Vale lembrar que o relato não caracteriza um estudo das cores, mas como elas revelam a importância do papel da escola do século XXI, não apenas pela “capacidade de condução da aprendizagem, mas também pelo seu papel na construção de uma vida em comum” (NÓVOA, 2022: 15).

Os graduandos notaram que o ensino remoto, derivado da Pandemia do Covid-19, evidenciaram as fragilidades da escolarização e que apesar de debates acalorados do século XX, o modelo da escola do século XXI ainda resiste às transformações pelo menos até 2020 como aponta Nóvoa (2022). A escola precisou em poucos dias se reestruturar para seguir o seu projeto.

Em pouco tempo os pais tiveram novamente o controle da educação de seus filhos e precisaram adaptar-se para dar conta dos estudos destes. Administrar o controle remoto, as avaliações, os trabalhos, auxiliar mais de perto o processo de escolarização. Os graduandos apontaram que mesmo com as adaptações e esforços diversos da família, as crianças preferem espaço escolar exclusivamente por ser um espaço que possibilita o encontro com seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato buscou evidenciar uma experiência dos graduandos de Pedagogia. As diferentes cores revelaram que durante um determinado período o papel da infância foi considerado uma página em branco necessitando da escolarização para colori-la, dada por preceptores cuja função era a preparação para a vida. Com o passar dos séculos, com vista a servir ao projeto mercantil a escolarização tornou-se fundamental, por ter papel importante para o disciplinamento e conduta de homogeneização. Contudo, essa escolarização muitas vezes fora considerada preta, em especial, no início do século XX por formar seus líderes.

Com os avanços tecnológicos provindos da Revolução Industrial a escola vai se misturando a outras cores com movimentos novistas. No século XXI desponta a escola como

a própria vida por ser um espaço real, com propostas para além da leitura dos hipertextos encontrados Google ou partilhados via Whatsapp (NÓVOA, 2022).

Não há dúvidas de que a aprendizagem de português, matemática, história, geografia, entre outras, pode ser conduzida pela educação domiciliar, e fomentada pela inteligência artificial, porém se constatou que mesmo sendo uma geração conectada, em sua maioria, é no chão da escola que podemos experienciar e alargar horizontes e pertenças.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola? Tese (*Doutorado*) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.
- BRASIL. Ministério da educação. Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação. Brasília: *Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE)*, 2014.
- BOTO, Carlota. Educação escolar como direito humano de três gerações: identidades e universalismos. *Revista: Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 777-798, Especial - Out. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- Coelho, Marcos Antônio. Conectivismo: uma teoria d aprendizagem para uma sociedade conectada. *SAPIENS - Revista De divulgação Científica*, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3433>
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. Psicodinâmica das cores em comunicação. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: *Edgar Blucher LTDA*, 2006.
- FERNANDES, Rogério. Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras. Porto: *Porto Editora*, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* (1979). 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: MOTTA, M. B. (org.). *Ditos e escritos IV*. Michel Foucault: estratégias do poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: *Loyola*, 2008.
- GUIMARAES, Jane Rodrigues. A cor filosófica em Deleuze: pensamento e conceito. Dissertação (*Mestrado*). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/60398>. Acesso em agosto de 2023.
- HAGAN, Timothy O'. Jean-Jacques Rousseau 1712-78. In: PALMER, Joy A. (org.). *50 grandes educadores: de Confúcio a Dewey*. Tradução de Mirna Pinsky. 1. reimp. São Paulo: *Contexto*, 2008. p. 73-79.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: *Cengage Learning*, 2003.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *Pensando a educação nos tempos modernos*. 2 ed. São Paulo: *Editora da Universidade de São Paulo*, 2005.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *O aparecimento da escola moderna*. 2 ed. Belo Horizonte: *Autêntica*, 2012.



HOME SCHOOL LEGAL DEFENSE ASSOCIATION – *HSLDA*. Homeschooling: para iniciar. 2016. Disponível em: <https://hslda.org/>. Acesso em: mai. 2023.

LIBABENO, J. C. Didática. São Paulo: *Cortez*, 1992.

LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: *Nova Cultural*, 1999.

MASETTO, M. Didática: a aula como centro. 4ª ed. São Paulo: *FTD*, 1997.

NÓVOA, Antônio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria & *Educação*, 1991.

NÓVOA, Antônio. Escolas e professores: proteger, transformar e valorizar. Colaboração Yara Alvim. Salvador: *SEC/IAT*, 2022.

RODRIGUES, Neidson. Da manifestação da escola à escola necessária. 2 ed. São Paulo: *Cortez*, 1988.

RODRIGUES, Neidson . Lições do príncipe e outras lições. 5 ed. São Paulo: *Cortez*, 1985.

SANTANA, Marco Antônio de. Preceptoría como espécie de educação doméstica: contribuições interpretativas da literatura de Mario de Andrade. Vol. 20, e-74466. Revista Poesis Pedagógica, *Catalão*, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36472>. Acesso em: julho de 2023.

SOUSA, Angélica Sila de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*. Vol. 20, nº 43, 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>. Acesso em setembro de 2023.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2 ed. São Paulo: *Cortez*, 1986.

VIEIRA, André de Holanda Padilha. “Escola? Não, obrigado”: um retrato da homeschooling no Brasil. *Monografia*. Departamento de Sociologia – Curso de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB). Brasília: UnB, 2012.

VIEIRA, Niclaudia Maria de Barros. O devir-surdocego na inclusão escolar e as possíveis linhas de fuga nas políticas da Educação Especial. Dissertação (*Mestrado*). Programa de Pós-graduação em Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, 2022. Disponível em: [https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/67212/_Disserta%
c3%a7%c3%a3o%20Niclaudia_Defesa-completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/67212/_Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Niclaudia_Defesa-completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y)